

UM LUTO PERMEADO POR LUTAS: A MORTE DE SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA E O COMBATE AO REGIME AUTORITÁRIO (1982)¹

André Carlos Furtado²

Resumo: Quando Sérgio Buarque de Holanda morreu, em abril de 1982, inúmeras manifestações de luto foram publicadas na imprensa. Às falas de pesar se juntaram vozes do reconhecimento à contribuição do historiador para a cultura nacional e da posição combativa ao regime autoritário. Apesar disso, seu nome era mais atrelado à oposição por intermédio do apontamento de que se tratava do *Pai do Chico*, em referência ao compositor Francisco Buarque de Holanda, listado nos autos da repressão como inimigo do governo. Logo, ao tomar o luto como ponto de partida, pretende-se analisar a instância micro das homenagens póstumas em cotejo com a dimensão macro do processo histórico, por meio de uma narrativa centrada na repercussão da morte, mas atenta às questões da transição política e da postura possível aos atores sociais naquela conjuntura.

Palavras-chave: Sérgio Buarque de Holanda; homenagens póstumas; regime autoritário.

A MOURNING PERMEATED BY FIGHTS: THE DEATH OF SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA AND THE COMBAT AUTHORITARIAN REGIME (1982)

Abstract: When Sérgio Buarque de Holanda died in April 1982, numerous demonstrations of mourning were published in the press. With the condolences had to acknowledge the contribution of the historian to the national culture and combative position to the authoritarian regime. Nevertheless, his name was linked more to the opposition through the appointment that it was the *Chico's father* in reference to the composer Francisco Buarque de Holanda, listed in the records of repression as an enemy of the government. Then, starting from the mourning, we intend to analyze the micro instance of posthumous honors, compared to the macro dimension of the historical process, we seek a narrative centered on the impact of death but attentive to

¹ Texto adaptado de comunicação apresentada no *III Simpósio de Pós-Graduação do PRONEX – Cultura Histórica e Usos do Passado*, realizado no segundo semestre de 2013 na Universidade Federal Fluminense – UFF, Niterói / RJ, e que, posteriormente, acrescido das críticas, veio a se transformar em um dos capítulos da dissertação de mestrado, defendida pelo autor junto ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense (PPGH-UFF), em março de 2014, e intitulada *As edições do cânone. Da fase Buarqueana na coleção História Geral da Civilização Brasileira (1960-1972)*.

² Doutorando no PPGH-UFF, onde desenvolve a pesquisa denominada *Como se faz um historiador no Brasil do século XX: a trajetória intelectual de Sérgio Buarque de Holanda (1936-1982)*. Endereço: Campus do Gragoatá. Rua: Prof. Marcos Waldemar de Freitas Reis, Bloco O, Cep. 24210-201, Niterói / RJ. Contato: afurtado@id.uff.br.

the issues of political transition and the observation of social actors's postures in that juncture.

Keywords: Sérgio Buarque de Holanda; posthumous honors; authoritarian regime.

Em 1982 morreu o historiador Sérgio Buarque de Holanda, ex-professor catedrático da Universidade de São Paulo (USP) e autor de obras como *Raízes do Brasil* (HOLANDA, 1936) e *Visão do paraíso* (HOLANDA, 1959). Na ocasião a sociedade brasileira vivia momentos de intensos debates, devido à passagem lenta, não tão segura, mas gradual para a redemocratização, de modo que o falecimento suscitou inúmeras publicações na imprensa, nas quais é possível escrutar tal circunstância. Além do tom pesaroso, as manifestações continham aspectos de reconhecimento ao morto ante sua enorme contribuição à cultura do país e às Ciências Humanas, em particular, cujo crédito era fortalecido por intermédio de sua identificação com as lutas travadas contra o regime autoritário.

Naquela conjuntura a maioria dos opositores do governo tendia a considerar ações não bélicas frente às conquistas para a retomada do Estado de direito. Apesar disso, alguns estudos apontam que a produção acadêmica prefere valorizar a questão da luta armada em oposição à democrática (ARAÚJO, 2007), como se a resistência – conceito também questionável (ROLLEMBERG; QUADRAT, 2010) – fosse obra exclusiva de tiros, assalto a bancos e sequestros de embaixadores para negociar a libertação de militantes presos.

Logo, ao tomar o luto como ponto de partida para se refletir acerca dos embates pacíficos, pretende-se analisar a instância *micro* das cerimônias fúnebres em cotejo com a *macro* do processo histórico vivenciado no Brasil. Ou seja: interessa observar como as posturas sociais possíveis de combate e luta contra o regime autoritário se manifestaram no luto. Para tanto, será adotada uma narrativa centrada na repercussão da morte do intelectual, a partir de 24 de abril de 1982, mas que visa articular as homenagens de despedida e a dimensão política, pois esta “liga-se por mil vínculos, por toda espécie de laços, a todos os outros aspectos da vida coletiva” (RÉMOND, 1996: 35).

Os principais documentos mobilizados correspondem a fontes de imprensa, reunidas na série *Homenagens Póstumas* do Fundo *Sérgio Buarque de Holanda* (SBH), localizado no Arquivo Central da Universidade Estadual de Campinas (*Siarq-*

UNICAMP), pois não há estudo que explore este momento da morte junto ao acervo do titular, porque mais interessados no legado acadêmico do intelectual.³

Ademais, o uso dessa documentação beneficia a proposta, pois se “é impossível separar a mensagem do meio em que é apresentada” (BURKE, 1994: 27), ao situar as vozes dos pronunciamentos pode-se vislumbrar como se dá parte da constituição de um cânone historiográfico em torno do nome *Sérgio Buarque de Holanda*, pois o estabelecimento deste geralmente requer certa vinculação com elementos políticos para ser declarado ou imposto (BAPTISTA, 2005).

Assim, considerados estes pontos, convém salientar que em sua última semana de vida, quando lúcido e bem disposto, Buarque de Holanda permaneceu no escritório onde continuava a ler, folhear jornais, escrever e conversar com familiares (2514. Série: Homenagens Póstumas, 1982), por conta de seu costume de deixar a porta aberta para ouvir a movimentação doméstica (WEGNER, 2008). Refúgio privilegiado de longa data, o espaço serviu para que finalizasse, dentre outros trabalhos, sua participação como colaborador e diretor da coleção *História Geral da Civilização Brasileira* (HGCB), publicada pela Difusão Europeia do Livro (Difel) a partir de 1960.

Mas, apesar das intensas atividades de pesquisa e escrita em que se envolvera mesmo durante os anos 1960-1970 e nos momentos finais de sua vida, “sobrava tempo para, com ironia e espírito de diversão, lembrar que [...] era mais conhecido como o ‘o pai do Chico’” (2505. Série: Homenagens Póstumas, 1982), em referência ao filho

³ Para maiores detalhes sobre a produção acadêmica, historiográfica ou não, conferir os seguintes trabalhos: DIAS, Maria Odila Leite da Silva (org.). *Sérgio Buarque de Holanda*. Coleção “Grandes Cientistas Sociais” (n. 51). São Paulo: Ática, 1985; NOGUEIRA, Arlinda Rocha et. al. (orgs.). *Sérgio Buarque de Holanda: vida e obra*. São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura / Universidade de São Paulo / Instituto de Estudos Brasileiros, 1988; BARBOSA, Francisco de Assis. (org.). *Raízes de Sérgio Buarque de Holanda*. 2.ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1989; MONTEIRO, Pedro Meira. *A queda do aventureiro: aventura, cordialidade e os novos tempos em Raízes do Brasil*. Dissertação (Mestrado em Sociologia). UNICAMP, Campinas, 1996; CARVALHO, Marcus Vinícius Corrêa. *Raízes do Brasil, 1936: tradição, cultura e vida*. Dissertação (Mestrado em História). UNICAMP, Campinas, 1997; CANDIDO, Antonio (org.). *Sérgio Buarque de Holanda e o Brasil*. São Paulo: Perseu Abramo, 1998; WEGNER, Robert. *A conquista do oeste: a fronteira na obra de Sérgio Buarque de Holanda*. Belo Horizonte: Ed.UFMG, 2000; CASTRO, Conrado Pires de. *Com tradições e contradições: contribuição ao estudo das raízes modernistas no pensamento de Sérgio Buarque de Holanda*. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária). UNICAMP, Campinas, 2002; CARVALHO, Marcus Vinícius Corrêa. *Outros lados. Sérgio Buarque de Holanda: crítica literária, história e política (1920-1940)*. Tese (Doutorado em História). UNICAMP, Campinas, 2003; DECCA, Edgar Salvadori de. *Ensaio de nacionalidade: cordialidade, cidadania e desterro na obra de Sérgio Buarque de Holanda*. *Locus: revista de história*, Juiz de Fora, v. 12, n. 1, p. 145-159, 2006; EUGÊNIO, João Kennedy; MONTEIRO, Pedro Meira (orgs.). *Sérgio Buarque de Holanda: perspectivas*. Campinas: Ed.UNICAMP / Rio de Janeiro: Ed.UERJ, 2008; NICODEMO, Thiago Lima. *Urdidura do vivido: Visão do paraíso e a obra de Sérgio Buarque de Holanda nos anos 1950*. São Paulo: Ed.USP, 2008; EUGÊNIO, João Kennedy. *Um ritmo espontâneo: o organicismo em Raízes do Brasil & Caminhos e fronteiras*, de Sérgio Buarque de Holanda. Tese (Doutorado em História). UFF, Niterói, 2010; COSTA, Marcos (org.). *Sérgio Buarque de Holanda: escritos coligidos (2 vols.)*. São Paulo: Perseu Abramo / UNESP, 2011.

Francisco Buarque de Holanda, compositor de sucesso, mas *persona non grata* aos olhos da Ditadura.

A instalação desta, em 1964, via golpe civil-militar, motivou a realização de muitos estudos que buscavam compreender o fenômeno do autoritarismo no país e “as causas do colapso do regime liberal-democrático instaurado pela Constituição de 1946” (GOMES, 1996: 65). As interpretações de primeira hora, imersas em paradigmas de maior trânsito entre as Ciências Humanas pelo menos até a década 1970 (Marxismo e Estruturalismo), acabaram por desenvolver algumas versões para o fim do governo Goulart (1961-1964) (DELGADO, 2004).

Dentre as explicações mais recorrentes e até persistentes, destacam-se as que aludem ao ocaso da chamada forma *populista* de governar, devido ao que se entende como crise econômica do padrão de acumulação de capital; as que referenciam a suposta aliança de setores direitistas da sociedade com agentes externos, de modo a importar as causas da instalação do regime, pois em seu registro parte das motivações emanavam dos Estados Unidos da América; e as que personalizam a História, cuja ênfase recai sobre o presidente deposto, visto como liderança burguesa e traidora de classe (FERREIRA, 2004).

Contudo, tais interpretações já foram alvo de muitas críticas que as compreendem como limitadas pela “falta de vinculação do *macro* com o *micro*, ou seja, como as condições estruturais afetam o comportamento de grupos específicos” (SOARES, 2001: 369), a exemplo do próprio componente militar.

Seja como for, é inquestionável que o autoritarismo instalado municiou-se de fortes aparatos repressivos e censores para incidir sobre vários setores da sociedade, como a cena musical, ao buscar o controle da circulação de canções e realização de shows, sobretudo de integrantes da Música Popular Brasileira (MPB). Desde meados da década de 1960 a MPB congregava artistas críticos do regime, dentre os quais o filho de Sérgio Buarque, Chico Buarque, que em 1971 passou a liderar a lista de músicos inimigos do governo e “destacado como o centro aglutinador da oposição musical de esquerda” (NAPOLITANO, 2004: 108). Sua situação agravou-se ao compor a música *Apesar de você*, pois vendeu mais de cem mil compactos até ser cassada no mesmo ano, sob a justificativa de que possuía contestação ao governo do general Emílio Garrastazu Médici (1969-1974).

Cabe destacar também que, embora Sérgio Buarque seja o protagonista desta reflexão, o esforço está voltado à imagem construída *em* torno de sua personagem,

quando de seu falecimento, para contribuir com a necessidade de “renunciar ao simulacro da integridade individual” (LORIGA, 1998: 245). As vicissitudes biográficas aparecem com o propósito de iluminar as falas a seu respeito, porque “a escolha do individual não é vista aqui como contraditória à do social: ela deve tornar possível uma abordagem diferente deste, ao acompanhar o fio de um destino particular [...] e [...] a meada das relações nas quais ele se inscreve” (REVEL, 1998: 21). Também a noção de intelectual partilha das acepções de criadores/mediadores culturais e a de engajamento (SIRINELLI, 1996).

Pontuados estes aspectos, convém voltar à objetiva no sentido fotográfico da expressão, pois na sexta-feira de 23 de abril de 1982 o pai de Chico recebeu do religioso d. Evaristo Arns a unção dos enfermos (2514. Série: Homenagens Póstumas, 1982). No dia seguinte, talvez para fugir um pouco do interdito (ARIÈS, 2003) manifesto sobre os moribundos, “pediu ao enfermeiro que o assistia que o levasse para o escritório” (2514. Série: Homenagens Póstumas, 1982). No cômodo, há pelo menos uma década era possível encontrar “latas de leite em pó, garrafas de uísque, remédios para dormir e outros para o manter acordado” (ANDRADE apud WEGNER, 2008: 495), bem como cinzeiros para os cigarros franceses que, até o fim, não abandonara (2514. Série: Homenagens Póstumas, 1982), em meio aos livros e documentação histórica referente ao período colonial e do Brasil Império.

Segundo o enfermeiro, minutos depois, próximo às 9h30 de 24 de abril de 1982, foi “acometido de mal súbito e ‘caiu para trás’” (2509. Série: Homenagens Póstumas, 1982) morto, de modo a fazer do pedido para ir ao escritório suas últimas palavras e vontade. Dias antes esteve com Luiz Inácio Lula da Silva, do Partido dos Trabalhadores (PT), e Eduardo Suplicy, que dentro em breve se filiaria à legenda, mas então deputado estadual pelo Movimento Democrático Brasileiro (MDB).

Criado em 1965, quando da instituição do bipartidarismo pelo Ato Institucional nº 2 (AI-2), em oposição à Aliança Renovadora Nacional (ARENA), desde o início o MDB contou com filiados originários das esquerdas e só cresceu nesta tendência, sobretudo a partir de 1974 (MOTTA, 2007), quando “obteve uma grande vitória eleitoral e passou a canalizar o descontentamento dos mais variados setores da sociedade contra o regime militar” (ARAÚJO, 2007: 335) e seus desmandos.

Autoritarismo à parte, na segunda-feira de 26 de abril de 1982, Suplicy confirmou à imprensa que esteve com Buarque de Holanda pouco antes de sua morte e, surpreso, declarou: “Há pouco mais de uma semana, eu e o Lula almoçamos com a

família, a convite do Chico. Dona Maria Amélia me confidenciou que foi esta a última vez em que o professor desceu, para almoçar na sala” (2514. Série: Homenagens Póstumas, 1982).

Embora se tratasse de uma visita a convite do Chico, vale destacar que, junto de outros intelectuais e dos políticos mencionados, Buarque de Holanda inscreveu-se “como membro fundador do PT” (HOLANDA, 2002: 18), em 1980. Mas seu relacionamento com o jogo partidário não datava só de seus últimos anos de vida. Muito ao contrário: além de assinar a *Declaração de Princípios*, em 1945, contra o governo Vargas (COSTA, 2011), muito embora antes tivesse assumido vários cargos em instituições governamentais de fomento à cultura (FURTADO, 2014) “foi um dos fundadores do Partido Socialista Brasileiro pelo qual concorreu a uma vaga à Câmara de Vereadores de São Paulo” (2509. Série: Homenagens Póstumas, 1982), sendo derrotado, em 1946.

Nascido no bairro paulista da Liberdade, em 1902, filho do pernambucano Christóvão Buarque de Holanda e da carioca Heloísa Costa Buarque de Holanda (20. Série: Vida Pessoal, 1937), Sérgio Buarque fez o ginásio no Colégio São Bento – no qual, segundo depoimento que concedeu, sua matéria favorita era História, ministrada por Afonso d’Escragnolle Taunay – (HOLANDA, 1982: 3), e no Arquidiocesano. Em 1921 se matriculou na Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais do Rio de Janeiro, então capital do país. Mal chegou a exercer este ofício, pois, mesmo formado, só retiraria o diploma em 1957, na eminência do concurso para professor catedrático que prestou na USP.

Ainda nos anos vinte se envolveu em discussões do movimento modernista, quando iniciou suas colaborações na imprensa, que, apesar de oscilatórias, manteria por toda sua trajetória. Em 1929 partiu para a Europa, mantendo residência na Alemanha, como enviado especial d’*O Jornal*, do magnata das comunicações, Assis Chateaubriand. Familiarizado com a língua, leu “Meincke, Max Weber, o crítico Gundolf e, na ficção, Kafka, Rilke, Hoffmannstahl” (HOLANDA, 2002: 12), além de ter aproveitado para adquirir bibliografia em outros idiomas.

De volta aos trópicos, retornou às redações cariocas e, em 1936, publicou seu primeiro texto em forma de livro, *Raízes do Brasil*, como volume de abertura da coleção *Documentos Brasileiros*, da editora José Olympio. O impresso contou com prefácio de Gilberto Freyre, diretor do empreendimento e também conhecido como o sociólogo que havia “revolucionado as opiniões da crítica com *Casa-grande & senzala*” (SORÁ,

2010: 184), em 1933. Em 1939 Buarque de Holanda começou a trabalhar no Instituto Nacional do Livro (INL), em 1944 na Divisão de Consultas da Biblioteca Nacional e, em 1946, voltou a São Paulo para assumir a função de historiógrafo do Museu Paulista e, posteriormente, na década de 1950, a sua direção (SANCHES, 2007: 53-55). Antes disso lecionou História Moderna e Econômica e História da Civilização Luso-Brasileira na Universidade do Distrito Federal (UDF, RJ), como assistente, entre 1936 e 1939 (88. Série: Vida Pessoal, 1958).

Com algumas interrupções, entre 1947 e 1955, foi professor de História Econômica do Brasil na Escola Livre de Sociologia e Política (ELSP) de São Paulo, onde também ministrou, em 1955, as disciplinas de História Social e História Política do Brasil. De 1953 a 1954, após convite para lecionar na Itália, foi docente de Estudos Brasileiros na Universidade de Roma. No mesmo decênio, em 1956, foi professor de História do Brasil na Universidade de Sorocaba-SP, ano em que passou a atuar na USP, até se tornar catedrático, em 1958. Antes disso, para concorrer à cadeira da História da Civilização Brasileira da USP teve de retornar à ELSP, desta vez como discente, onde desenvolveu e defendeu texto denominado *Elementos formadores da sociedade portuguesa na época dos descobrimentos* (776. Série: Originais/Monografia, 1958), ainda inédito e pouco conhecido entre seus estudiosos, para obter o grau de mestre em Ciências Sociais.

Feito isso, dedicou-se ao concurso da USP, obtendo aprovação após a feitura de prova escrita, didática, de títulos e defesa da tese *Visão do paraíso: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil*. Empossado na cátedra, aceitou presidir nos dois primeiros anos (1962-1964) o Instituto de Estudos Brasileiros (IEB), órgão que ajudou a fundar. Além disso, recebeu convites para ministrar cursos nas Universidades do Chile (1963), Columbia, Harvard, Los Angeles, Indiana, New York State (1965) (DIAS, 1994); e, a partir dos anos 1960, sobretudo após afastar-se da USP em 1969, e na década de 1970, seu nome passou a ser mais atrelado à direção da coleção HGCB.

Efetivamente, é bem verdade, aliás, que essas considerações em torno das vicissitudes biográficas de Sérgio Buarque de Holanda, embora baseadas em fontes primárias e secundárias, podem redundar na reprodução de uma narrativa cuja linhas mestras ganharam contornos mais consistentes justo nesse momento da morte do intelectual em apreço, com o fito de conferir linearidade e sentido de coerência à trajetória em questão.

Mesmo porque essa mesma documentação histórica e pesquisas referenciadas para a síntese da vida do pai do Chico ou foram recolhidas no momento imediatamente posterior ao seu falecimento, sobretudo no caso dos documentos; ou correspondem à própria fala de Sérgio Buarque por conta de entrevista que concedeu a Richard Graham pouco tempo antes de morrer, em 1982; ou ainda porque não tiveram a preocupação de considerar o conjunto de processos que ajudaram a constituir certa imagem canônica do autor – endossando, por vezes, ideias de simetria que trajetória humana alguma possui – e, em alguns casos, são escritos sobre o intelectual que vieram à tona nas proximidades do centenário de seu nascimento, em 2002, e/ou foram flamejados após e por conta desta efeméride.

Considerados esses pontos, mas longe do intuito de querer ignorar ou menoscar as fontes históricas e os estudos citados para a apresentação sumária de Buarque de Holanda, os objetivos do presente artigo buscam interrogar, justamente, essas questões. Em especial porque o argumento central aqui defendido sustenta a premissa segundo a qual a morte assumiu contornos de consagração intelectual, combate ao regime autoritário e formação de uma narrativa biográfica linear e coerente a Sérgio Buarque, por intermédio de uma trama que envolveu desde depoimentos que o paulista concedeu ao longo de sua vida, passando pela salvaguarda de seu acervo pessoal e, dentre outros intervenientes, consubstanciadas nas falas daqueles que se manifestaram em luto.

Daí a necessidade de considerações em torno dos aspectos de natureza biográfica e o interesse em observar os meios pelos quais alguns acontecimentos da trajetória do intelectual foram particularmente destacados no momento das homenagens póstumas que recebeu. Daí também o esforço para lançar luz sobre as formas que determinados *atos biográficos* (GOMES, 2004) foram articulados politicamente nas narrativas interessadas – mais ou menos conscientemente – nos usos do passado do autor, ainda que sob o risco de incorrer em eventual metatexto a partir do questionamento dessas fontes. Por isso, convém retornar a 1982 e ao momento da morte do pai do Chico para *dar a ler* (CHARTIER, 1990), analisar e historicizar tais questões e circunstâncias.

Naquele ano, Sérgio Buarque completaria 80 anos. Jornalistas noticiaram que no fatídico dia, Chico Buarque estava na cidade do Rio de Janeiro e teria chegado à capital paulista por volta das 13h30. Estava “acompanhado da sobrinha Bebel [...] e de sua irmã Maria Cristina. Evitou a todos e não quis falar à imprensa” (2509. Série: Homenagens Póstumas, 1982), talvez pela própria comoção e mesmo em respeito ao pai que havia

deixado claro seu desejo de querer tudo “simples, com poucas flores, não se permitindo fotografias ou tomadas para a televisão” (2518. Série: Homenagens Póstumas, 1982).

Assim, o cantor entrou rápido na residência familiar, no bairro do Pacaembu à rua Buri, 35, onde acontecia o velório (2509. Série: Homenagens Póstumas, 1982). Além de Chico, o historiador deixava mais seis filhos: Heloísa, Sérgio, Álvaro, Maria do Carmo, Ana Maria e Maria Cristina.

Afora essas questões, a quantidade de pedidos finais possibilita inferir que o intelectual preparou-se para morrer de modo a antecipar-se aos eventuais transtornos da repercussão e, devido à grandiosidade de sua obra e atuação no meio intelectual, legou inúmeras facetas aos pares contemporâneos, muitas das quais ainda desconhecidas. Por isso detém “Uma imagem que pode ser múltipla, e que está presente nos documentos pessoais e em seu próprio processo de acumulação, ou seja, no arquivo privado” (GOMES, 1998: 126), o que torna necessário ter sempre em mente os perigos da chamada *ilusão da verdade*, vertida de maneira recorrente nesse tipo de fonte.

A partir da documentação mobilizada até aqui é possível vislumbrar certo *imaginário social* irradiado por intermédio “da produção dos ‘discursos’ nos quais e pelos quais se efetua a reunião das representações coletivas numa linguagem” (BACZKO, 1985: 311). Estas são aqui compreendidas e evocadas como elaboração textual acerca de determinado evento, sobre o qual sobressai um “conhecimento mediato que faz ver um objeto ausente através da sua substituição por uma ‘imagem’ capaz de reconstruir em memória e de o figurar como ele é” (CHARTIER, 1990: 20). Isso porque parece ser este o caso de Sérgio Buarque, muito discutido por seus intérpretes que, no afã de compreendê-lo, muitas vezes chegaram a conclusões de cunho biográfico a partir de sua obra, sem atentarem aos caminhos que levaram o autor paulista do *escritório* ao *panteão* da *intelligentsia* nacional.

As repercussões acerca da morte de Buarque de Holanda foram imediatas e bem difundidas na grande imprensa, paulista em especial. Representante dos opositores ao regime militar brasileiro por seus posicionamentos contrários ao autoritarismo de toda espécie, mesmo que a propósito da análise de outros tempos, motivos não faltavam, de fato, para dissertar sobre a postura democrática atribuída a ele e evocada naquele momento. Para tanto, basta mencionar sua atuação e produção intelectual, com destaque ao pedido de aposentadoria da USP; a publicação de artigos em periódicos; além das respectivas fundações do Centro Brasil Democrático (CEBRADE) e do PT.

A aposentadoria da cátedra na USP deu-se em 1969, após a edição do Ato Institucional nº 5 (AI-5), embora repetisse “sempre que não fora cassado, como muitos pensaram inicialmente. ‘Fiquei apenas um dia a mais do que eles’, dizia” (2505. Série: Homenagens Póstumas, 1982). A atitude de solicitar afastamento foi vista como um “admirável gesto de solidariedade para com os colegas que haviam sido cassados pelo obscurantismo ditatorial” (2517. Série: Homenagens Póstumas, 1982), como o AI-5, editado em 13 de dezembro de 1968 e marco dos decretos que buscavam ornamentar o autoritarismo com uma roupagem jurídica formal. Contudo, com a suspensão do recurso do *habeas corpus* para institucionalizar prisões arbitrárias, torturas e assassinatos (FICO, 2004), o decreto deixava claro que seria aplicado em detrimento do direito de ir e vir dos brasileiros, ao minar as liberdades civis.

Ainda a propósito de sua produção intelectual e a despeito da fidedignidade dos tradicionais festejos militares em torno do dia 15 de novembro, Sérgio Buarque pôs a suposta *Proclamação* sob suspeita numa série de artigos publicados no *Jornal da República*. Tratava-se de um periódico paulista de nome bem expressivo frente aos anseios políticos daquela conjuntura, que circulou entre 1979 e 1980 e contou com Raymundo Faoro, como Diretor-presidente, e Cláudio Abramo, como membro do Conselho de direção.

Com base em fontes então inéditas sobre a história do Brasil encontradas no Arquivo Nacional de Washington (EUA), Buarque de Holanda escreveu que a campanha republicana se realizou apenas em parte, pois a entendia, unicamente, como uma “ditadura militar, mal coberta com um barrete frígio” (HOLANDA, 1979: 4), que não lhe assentava a contento.

Como se essas publicações não bastassem, participou ainda da fundação do CEBRADE (1978) junto de muitos intelectuais e permaneceu na Vice-presidência, até 1982 (HOLANDA, 2010), ao lado do Presidente da entidade, o arquiteto Oscar Niemeyer, para buscar a aglutinação de uma frente pela redemocratização (NAPOLITANO, 2004) do país.

Todas essas questões demonstram o quão ativo permanecia apesar da idade avançada. Com pronunciamentos na imprensa muitos amigos, ex-alunos, personalidades ilustres e colegas de trabalho que possuíam ligações com as lutas pela abertura política se manifestaram para um último adeus ao historiador. Naquele momento o regime autoritário já se encontrava em franca decadência, devido à articulação constituída e engendrada entre o Congresso Nacional e as autoridades militares nos últimos anos.

Os sinais da transição à democracia podiam ser sentidos em 1978, devido, por exemplo, à revalidação jurídica do *habeas corpus*, com o fim do AI-5 e das mobilizações sociais como as greves. Um ano depois, já no governo Figueiredo (1979-1985), a discussão era sobre Anistia. Contudo, apesar dos avanços das negociações institucionais a que chegava o país em 1982, os limites da transição estavam sob vigília do “governo de forma a não dar a liderança do processo à oposição” (D’ARAÚJO, 2004: 98).

Nesta conjuntura da abertura política, Sérgio Buarque partiu e tornou triste o sábado de 24 de abril de 1982 para boa parte da intelectualidade brasileira. Sua morte surpreendeu muitos amigos apesar de conhecerem seu estado enfermo. No domingo, uma enxurrada de homenagens aparecia nas páginas de periódicos de todo o país.

O ex-presidente da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), ex-diretor do *Jornal da República* e historiador Raimundo Faoro, dizia-se muito sentido com a morte do “maior historiador brasileiro, [...], que tinha magia para escrever a história, aliando a pesquisa ao gosto literário. [...]. Deixa uma obra importantíssima, [...], que deveria ser levantada, reunida e editada” (2506. Série: Homenagens Póstumas, 1982).

O membro da Academia Brasileira de Letras (ABL), Josué Montello, explicitou seus vínculos desde os tempos do INL, quando trabalharam juntos na década de 1940, e creditou ao falecido uma posição de vanguarda junto ao modernismo dos anos de 1920 e 1930 ao comparar a obra inaugural do amigo, *Raízes do Brasil* (1936), com a prosa de Graciliano Ramos, por sua escrita límpida, correntia e correta (2537. Série: Homenagens Póstumas, 1982).

O adeus de Montello terminou com referência ao crítico literário Antonio Candido, que conferiu um caráter edificante ao livro de estreia de Sérgio Buarque ao juntá-lo a Gilberto Freyre, de *Casa-grande & senzala* (FREYRE, 1933); e Caio Prado Júnior, de *Formação do Brasil contemporâneo* (PRADO JR., 1942), para criar um tripé fundador de uma nova interpretação da sociedade brasileira, bem forte e significativo ainda hoje.

Também o crítico literário Nogueira Moutinho referendou Antonio Candido para citar a primeira obra do intelectual falecido e a caracterizou como única versão de perspectiva histórica, sociológica e etnológica de interpretação do passado nacional e sutil correspondente de *Macunaíma* (1928), de Mário de Andrade. Em sua visão, Sérgio Buarque foi detentor de exemplar trajetória luminosa, “Rebelde por temperamento,

cultivando a independência como apanágio mais elevado do espírito” (2517. Série: Homenagens Póstumas, 1982).

O ex-ministro e ex-senador Afonso Arinos, primo-irmão da viúva e amigo de longa data do historiador, por sua vez, afirmou: “Estou muito atingido [...]. Pode e deve ser considerado uma das mais altas expressões do humanismo cultural de toda a vida brasileira” (2506. Série: Homenagens Póstumas, 1982).

O membro da Academia Paulista de Letras (APL), Nilo Scalzo, lembrou-se de fala atribuída à crônica do escritor Manuel Bandeira para juntar Buarque de Holanda a Machado de Assis e João Ribeiro como a tríade grandiosa das letras nacionais. Ao término de seu texto concluiu: “Erudição e sensibilidade nele se harmonizam. [...] historiador afeito aos documentos históricos deve ter colhido ali a precisão, quando não o torneio de frase que empresta a seus trabalhos a fluência só alcançada por verdadeiros escritores” (2507. Série: Homenagens Póstumas, 1982).

O jornalista e ex-presos político Cláudio Abramo também se manifestou. Mencionou que, apesar de conhecer Sérgio Buarque de longa data, aproximaram-se só na década de 1970. É provável que o contato ocorreu porque o *pai do Chico* – como Abramo fez questão de se referir a ele – também escreveu no periódico, já citado, de nome *Jornal da República*.

Dentro da lógica repressiva ainda persistente em 1982, tanto os shows ou artistas da MPB, como o *filho do Sérgio*, os membros do CEBRADE, o movimento operário e, sobretudo, intelectuais de esquerda, como Cláudio Abramo, “eram parte de uma grande conspiração para desestabilizar o regime e a ordem vigente” (NAPOLITANO, 2004: 117). Some-se a isso, para que se tenha uma noção mais ampla do clima no qual essas questões estavam inseridas, bastar lembrar do terrorismo de Estado perpetrado em 30 de abril de 1981.

Na ocasião, uma bomba explodiu no estacionamento do centro de convenções carioca Riocentro que, embora matando acidentalmente um sargento e deixando um capitão do Exército Brasileiro gravemente ferido, tratava-se de um atentado orquestrado por forças repressoras do regime descontentes com os claros sinais da abertura política. O plano com explosivos se destinava às quase 20 mil pessoas que se dirigiam ao local que sediaria a terceira edição do show comemorativo do Dia do Trabalhador (1º de maio), promovido por entidades como o CEBRADE e com a participação de artistas como Chico Buarque (SANTOS, 2014).

Esses dados apresentam um quadro de terror que era ainda bem vivo e, talvez, por isso, pode ter contribuído para que, após afirmar que nos momentos finais Buarque de Holanda permaneceu na biblioteca a beber uísques clandestinos e fumar cigarros também proibidos, Cláudio Abramo tenha caracterizado o período como muito triste. Por desconhecer detalhes da morte, ainda afirmou: “sei que estava com pneumonia. Seja como for, ele deve ter morrido fazendo humor – algo que nunca o abandonou, mesmo nos anos tétricos que passamos, todos nós, e mesmo quando não se tinha esperança de mais nada” (2515. Série: Homenagens Póstumas, 1982).

Muitas destas falas se repetiam para destacarem certas características da personalidade de Sérgio Buarque. Também buscavam situá-lo no combate ao regime militar, o que pode ser pensado como *usos políticos do passado* (HARTOG; REVEL, 2001), cujo vínculo, apesar de suas ações concretas junto aos movimentos pacíficos em prol da abertura, dava-se mais em referência a Chico Buarque (2509. Série: Homenagens Póstumas, 1982). Independente disso, a procissão na imprensa continuava.

Neste sentido, o historiador Francisco Iglesias assim se manifestou: “grande amigo pessoal que me fez colaborar em seus livros. O Brasil perde o historiador mais culto. Uma vida intelectual que nunca cuidou de ganhar dinheiro. Foi mais historiador que professor, um estilista admirável” (2506. Série: Homenagens Póstumas, 1982). E à retórica do reconhecimento da perda somaram-se outras vozes, se não impressas nas páginas dos jornais, manifestas por meio da presença nas cerimônias fúnebres.

Isso porque os rituais em torno da morte de Sérgio Buarque serviram para exprimir sentimentos de repúdio ao autoritarismo vigente. Por mais que esses gestos permanecessem só nas entrelinhas dos discursos ou na *representação* (CHARTIER, 1990) das posições sociais assumidas por quase a totalidade das personagens que se pronunciaram em luto. De todo modo, as despedidas pela imprensa e/ou a participação nas cerimônias finais serviram, de fato, como expressões de lutas pela abertura, pois congregou muitos opositores – suspeitos ou declarados – do regime.

Com o luto surgiram algumas anedotas, com destaque para a do escritor Rubem Braga, que narrou em crônica a estadia de Sérgio Buarque em Cachoeiro de Itapemirim, pequena cidade do Espírito Santo, quando partiu em 1925 para dirigir o jornal *O Progresso*, que logo lhe rendeu o apelido de Dr. Progresso. Antes teria dispersado sua biblioteca entre amigos, pois para Braga o paulista detinha memória privilegiada acerca dos livros doados na época. Em sua visão “Sérgio não soçobrou: curou-se do cerebralismo [sic] caindo na farra. [...] Lembro-me sobretudo de uma noite de verão de

lua cheia, na saída de um baile [...]. Ele dizia que ia acender o cigarro na Lua. E partiu, cambaleando entre as palmeiras. Vai ver que acendeu” (2530. Série: Homenagens Póstumas, 1982), brincou o cronista, por fim.

Antes desse desfecho alegórico, opinou que a fala atribuída ao morto sobre ser *apenas* o pai do Chico fora um misto de orgulho e modéstia de orador que durante a vida lera sobre todas as novidades da literatura europeia. Assim, o escritor capixaba socializava circunstâncias pouco conhecidas da vida do paulista, de modo a dar a ler o morto pelos ângulos de uma juventude de personalidade brincalhona e imprevista.

Às 10h de 25 de abril de 1982 o cortejo saiu da casa no Pacaembu em direção ao Cemitério de Vila Alpina, na Zona Leste da capital paulista, onde o corpo de Sérgio Buarque seria cremado (2509. Série: Homenagens Póstumas, 1982). A urna funerária foi carregada pelos filhos Chico, Álvaro e Sérgio, junto do gramático Aurélio Buarque de Holanda (aparentado distante do falecido) e dos professores Rimas Brocha, amigo da família, e Aziz Ab’Saber, ex-colega de trabalho na USP (2518. Série: Homenagens Póstumas, 1982).

Surgida no século XVIII da França revolucionária, a cremação chegou ao Brasil na década de 1870. Além de conter uma explícita vontade de ruptura com tradições religiosas, cristã em particular, porque surgida do desejo de laicização, a consumição pelo fogo é interpretada como “uma manifestação de *enlightenment*, de modernidade; [...] maneira mais radical de fazer desaparecer e esquecer tudo o que pode restar do corpo, de anulá-lo, *too final*” (ARIÈS, 2003: 88) que exclui as possibilidades de peregrinação.

A ideia de iluminação convinha às falas do luto para a caracterização de Buarque de Holanda. Mesmo porque, embora não tenha professado de maneira explícita posições ateias e a especificidade assumida pelo catolicismo na formação histórica do Brasil tenha sido uma preocupação sua até pelo menos a escrita de *Monções*, (WEGNER, 1999), publicada em 1945 (HOLANDA, 1945), outro tanto não se pode dizer acerca de sua prática historiográfica a partir dos anos 1960. Afinal de contas, tratou-se de uma época a partir da qual o paulista não só não cedeu muito espaço à temática da religião na obra coletiva já mencionada que coordenou, a coleção HGCB, como adentrou, inclusive, em debate público e em muitas polêmicas com intelectuais militantes católicos para defender o projeto editorial que não preocupou-se muito em destacar o legado da obra jesuítica na América portuguesa (FURTADO, 2014).

Importante ressaltar ainda que o desejo de ser cremado foi visto como sinônimo da simplicidade de um intelectual descrito como avesso às pompas. A representação do clima de embates era considerável dentre os participantes das homenagens de despedida de Sérgio Buarque. No velório, além da família, “Muitos amigos e parentes acompanharam o féretro e estiveram presentes à casa” (2514. Série: Homenagens Póstumas, 1982), como Antonio Candido, então professor de Teoria Literária e Literatura Comparada da USP.

Na cremação, ocorrida no domingo de 25 de abril de 1982, junto dos familiares estavam presentes Marieta Severo, atriz e, à época, esposa de Chico Buarque; Darcy Ribeiro, antropólogo e ex-ministro do governo Jango; Mário Chamie, secretário de Cultura de São Paulo; Mário Schemberg, físico e ex-professor da USP, aposentado pelo AI-5; e, para se aproximarem de Chico Buarque, “Cerca de 300 pessoas [...], mas apenas a família, amigos mais chegados e alguns jornalistas assistiram à cerimônia” (2519. Série: Homenagens Póstumas, 1982).

Como se vê, o luto reuniu vários atores das batalhas políticas, fossem vinculados ao passado democrático, interrompido com o golpe de 1964, ou mais ligados à negociação de abertura junto aos militares. No microcosmo de lágrimas e tristeza das cerimônias fúnebres de Sérgio Buarque, a funcionar feito encontro sedicioso, é possível vislumbrar os embates das várias posturas sociais, que são “resultantes de experiências e expectativas, de saberes e normas, de informações e valores” (BACZKO, 1985: 312).

Em conjunturas de grandes efervescências, os agentes históricos procuram extinguir as dúvidas e incertezas que as escolhas sociais comportam de maneira inevitável, para projetarem o futuro desejado, como a redemocratização do Brasil.

A começar pelo religioso condutor da cerimônia de cremação, “Carlos Alberto Libânio Christo, frade dominicano não clérigo, cognominado Frei Betto” (CAMURÇA, 2007: 392), representante da corrente de pensamento cristã denominada Teologia da Libertação (ARAÚJO, 2007), que, em 1982, já assumia atitudes políticas de menores riscos de derramamento de sangue próprio ou alheio. Isso porque, antes dessa data, escondeu militantes de esquerda e ajudou muitos a atravessarem a fronteira para o Uruguai e a Argentina de forma clandestina, cuja consequência foi seu encarceramento entre 1969 e 1973.

Depois de liberto passou a participar das Assembleias das Comunidades de Base, por meio das pastorais operárias de São Bernardo do Campo (SP), onde entrou em

contato com dirigentes sindicais como Luiz Inácio Lula da Silva (LÖWY, 2007: 312-313).

Na ocasião da breve despedida fúnebre a Sérgio Buarque suas lutas já eram de natureza incruenta. “Chegaram à Vila Alpina por volta das 10h30, quando iniciou-se a cerimônia, onde, após a leitura do Evangelho, Frei Betto falou do [...], ‘querido pai, avô, irmão, pai de todos nós’” (2514. Série: Homenagens Póstumas, 1982). Na capela houve tensão entre os funcionários do Cemitério para se evitar tumultos, uma vez que centenas de pessoas se aglomeravam para ver o compositor Chico Buarque (2518. Série: Homenagens Póstumas, 1982). Ao fim e ao cabo, tudo ocorreu bem e de certa forma cumpriu-se o desejo do morto, pois “não houve música, nem flores” (2519. Série: Homenagens Póstumas, 1982).

No dizer do dominicano, tratava-se de um “homem capaz de fazer-se amigo depois de cinco minutos de conversa [...] que deixou frutos que todos conhecemos, seus filhos e sua obra” (2518. Série: Homenagens Póstumas, 1982). Assim, apesar da ideia de laicização convir ao desejo de Sérgio Buarque em ser cremado e estar em consonância com parcela significativa de sua trajetória intelectual, nos necrológios não faltaram palavras para conferir aura de sacralização ao historiador, sobretudo, quando o religioso afirmou ser a cremação um ato “para que suas cinzas se tornem semente de uma vida nova. Vamos poder reencontrá-lo, mas na brisa da manhã, nas flores, na grama do jardim, nas plantas, pois se tornará comunhão” (2519. Série: Homenagens Póstumas, 1982). E tal alusão ao renascimento é característica do simbolismo atrelado às cinzas e também à ave mitológica Fênix que, na arte pagã ou cristã, remete a ideia de imortalidade (KANTOROWICZ, 1998: 236).

Marcado pelo traçado da *preeminência* (GENNEP, 1978), o discurso do Frei visou, num só tempo, lançar críticas ao regime militar e situar o autor no panteão da intelectualidade nacional. Para reforço dessas questões também mencionou qualidades da personalidade do morto, tais como: firmeza, coragem, senso de justiça e sua despreocupação com glórias. “Fardas e fardões nunca o preocuparam. Não acreditava em Deus, mas realizou plenamente seus desígnios.’ Ao finalizar, [...] disse ter a certeza de que se celebrava ali a ressurreição do historiador” (2514. Série: Homenagens Póstumas, 1982).

Na missa de sétimo dia, realizada em 30 de abril de 1982, “de forma simples e emotiva” (2528. Série: Homenagens Póstumas, 1982) no convento dos dominicanos, na rua Caiuby (2514. Série: Homenagens Póstumas, 1982), o tom de Frei Betto, que o teria

acompanhado até o fim (2528. Série: Homenagens Póstumas, 1982), não foi diferente. Próximo às 11h30 “a última despedida realizou-se apenas com a presença de amigos e parentes” (2514. Série: Homenagens Póstumas, 1982).

Ao som de dois violões e uma flauta transversal, a cerimônia foi embalada por canções como *Construção*, *Gente Humilde* e *O que será*, de autoria de Chico Buarque. Eram consideradas preferidas do pai (2528. Série: Homenagens Póstumas, 1982), mas listadas como subversivas dentro da lógica da produção de suspeita (NAPOLITANO, 2004) dos órgãos censores do regime militar.

O compositor, “aparentemente o mais abatido dos filhos, permaneceu todo o tempo de braços dados com sua esposa, a atriz Marieta Severo. Ao final da missa, quando eram apresentadas as condolências à família, [...] manteve-se em silêncio, visivelmente abalado” (2528. Série: Homenagens Póstumas, 1982).

Por tudo o que se demonstrou, tratava-se de uma de despedida com contornos de reconhecimento e consagração intelectual, motivo que permite a compreensão da cerimônia como “experiência particularmente rica em emoções intensas que se confundem com as expectativas e as esperanças de que está rodeada” (BACZKO, 1985: 322) como as músicas tocadas bem lembravam e o discurso do Frei Betto não cansava de enaltecer.

Em referência direta à ditadura, o dominicano chegou a definir o morto como “‘alguém que foi a fundo no passado’, no estudo dos verdadeiros objetivos dos colonizadores que ‘trouxeram a morte dos índios, escravidão, saque de nossas riquezas naturais e o autoritarismo que ainda persiste’” (2528. Série: Homenagens Póstumas, 1982). Tal fala continha evidente crítica política, passível de constituição mesmo em torno de uma morte.

Salvaguardado o respeito a Sérgio Buarque, pode-se inferir que as publicações funcionaram como espécie de plataforma política, para projetar as lutas pela redemocratização, devido à presença nas cerimônias fúnebres de todos os já mencionados e ainda do advogado Luís Greenhalg; do sociólogo e suplente de senador pelo Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), Fernando Henrique Cardoso; do deputado Alberto Goldman da mesma legenda, mas oriundo do Partido Comunista Brasileiro (PCB), então na clandestinidade; e do publicitário Carlito Greenhalg, presidente da seção paulista do Comitê Brasileiro de Anistia.

Ou seja: uma parcela nada desprezível das lideranças da oposição ao regime se reuniram em São Paulo e se ladearam nas cerimônias de despedidas ao pai do Chico.

Portanto, há de se atentar às *culturas políticas* destas representações, significativas como fenômeno, devido ao seu caráter de “projeção no futuro vivida em conjunto” (SIRINELLI apud BERSTEIN, 1998: 351), ao menos na conjuntura da década de 1980.

Ainda no necrológio, ao fim do sermão religioso, Frei Betto “lembrou que ‘em sua última noite Sérgio deu a mão a sua companheira Maria Amélia e pediu que cantasse com ele. Ela começou a cantar ‘Acalanto’, de Dorival Caimi [sic], mas ele disse: ‘essa não’, e começou a cantar ‘O Que Será’, uma de suas prediletas” (2528. Série: Homenagens Póstumas, 1982).

O simbolismo envolto nessa afirmação endossa assertiva acerca da emergência de anedotas quando do falecimento de intelectuais (VENANCIO, 2006) e aponta uma possível atualidade crítica de Sérgio Buarque mesmo em seus momentos finais, uma vez que, teria preferido uma canção mais próxima às críticas que eram então feitas ao governo autoritário daquela contemporaneidade.

Não por outros motivos, praticamente a totalidade das situações em torno da morte aqui referenciadas permitem vislumbrar a conjuntura de abertura política no Brasil da década de 1980. O cotejo entre as diferentes escalas, micro e macro, buscou compreender as *representações* veiculadas pelas personagens históricas, devido à análise dos tributos mobilizadores de “vocabulário, símbolos, gestos, até canções que constituem um verdadeiro ritual” (BERSTEIN, 1998: 362-363).

Nos pronunciamentos é possível perceber certa comunhão entre os que se manifestaram na imprensa e/ou participaram das cerimônias para dar os pêsames à família Buarque de Holanda, porque identificados com um discurso contestador do regime autoritário. Às falas, imersas na tradição religiosa ocidental de prestar condolências, agregou-se elementos de reconhecimento da contribuição do paulista à cultura nacional e de crítica à ditadura vigente.

A escolha das fontes partiu do pressuposto de que os autores dos textos se empenharam para estabelecer certa unidade à trajetória do falecido. Sua imagem também foi erigida pelo arquivo pessoal que salvaguardou alguns documentos para compor a série de *Homenagens póstumas*, pois “em qualquer sociedade, a documentação é intrinsecamente distorcida, uma vez que as condições de acesso à sua produção estão ligadas a uma situação de poder e, portanto, de desequilíbrio” (GINZBURG, 2007: 262).

Tal característica pode ser inferida naquelas circunstâncias que, possivelmente, contribuíram de forma significativa para a conformação desta relação de forças. Em

especial se for levado em consideração que, frente aos constrangimentos sociais aos quais os indivíduos estavam sujeitos naqueles instantes, as personagens históricas cumpriam a simultânea vontade de expressarem grande pesar e demonstrar suas ligações com o *pai do Chico*, de modo a se postarem como herdeiros acadêmico-intelectuais do morto e em alinhamento contra o autoritarismo do governo, ainda sob a égide de um regime civil-militar.

A propósito da paternidade, e apesar de ter exercido efetivo combate ao governo autoritário em sua produção historiográfica ou em atos públicos, o dispositivo narrativo mais recorrente para vinculá-lo à oposição era a menção ao seu filho, compositor de inúmeras canções-protesto. Ainda assim, para o caracterizarem como representante da defesa pela liberdade, retrocedia-se a alguns aspectos da trajetória do intelectual e lançavam mão dos *usos do passado* do morto, de modo a representá-lo como símbolo de esperança para um Brasil interrompido pelo golpe civil-militar de 1964.

Em razão de sua vasta e valiosa obra, o cânone Sérgio Buarque – leitura obrigatória nas universidades – foi constituído por intermédio de diversas vozes que se despediram do intelectual, pois o ato de canonizar pressupõe um vínculo que sujeita, une e identifica (BAPTISTA, 2005) os indivíduos, discurso este perceptível nas falas dos membros das Academias de Letras, de políticos e de antigos prisioneiros do regime ditatorial.

Ademais, “a experiência do autoritarismo marcou gerações e precisa ser alvo de reflexões permanentes” (FERREIRA; GOMES, 2014: 391). De tal modo que, buscando escapar aos objetos de estudo, por assim dizer, mais tradicionais sobre o período que se seguiu ao golpe civil-militar de 1964, a opção pela análise das homenagens póstumas em torno da morte de Sérgio Buarque procurou apontar as conexões possíveis entre os fios da tessitura micro com a configuração macro da chamada grande política, sobretudo em observância à necessidade de renovação de estudos em torno desse período, que este Cinquentenário da instalação do regime autoritário no Brasil (1964-2014) lembra aos historiadores.

Mas muitas são ainda as possibilidades de pesquisas por serem exploradas. E no caso de Sérgio Buarque, fosse para identificá-lo à geração modernista, situar seu legado como superação de estudos anteriores ou para criar um tripé fundador de uma visão original sobre a sociedade brasileira, sua morte levou seus escritos a serem postos ao lado da prosa de grandes nomes das letras nacionais por aqueles que se manifestaram com homenagens póstumas. Por fim, cabe destacar que, os resultados do emaranhado da

profusão de vozes presentes nas despedidas a Sérgio Buarque de Holanda, permitiram esta reflexão escutar, ainda que de maneira parcial, a historicidade de um luto e os inúmeros pesares daquelas histórias.

REFERÊNCIAS

Documentais:

20. Série: Vida Pessoal. Certidão de Batismo de SBH, (São Paulo, 08 dez. 1902), nº 0772. São Paulo, 17 jul. 1937. c.as. 1p (anotações em alemão no verso). Vp 20 P1. Fundo Sérgio Buarque de Holanda (SBH). Arquivo Central da Universidade Estadual de Campinas (*Siarq-UNICAMP*).

88. Série: Vida Pessoal. Curriculum Vitae de SBH. 1958. Vp 88 P242. Fundo SBH. *Siarq-UNICAMP*.

776. Série: Originais/Monografia. Tese de SBH, intitulada “Elementos Formadores da Sociedade Portuguesa na época dos Descobrimentos”, apresentada à Escola de Sociologia e Política para obtenção de grau de mestre em Ciências Sociais. São Paulo, jul. 1958. 145p. Pi 175 P18. Fundo SBH, *Siarq-UNICAMP*.

2505. Série: Homenagens Póstumas. Recorte de jornal, intitulado “Às vésperas dos 80 anos, a morte de Sérgio Buarque”, de Maurício Ielo, comentando o seu falecimento, as suas obras e depoimentos de vários intelectuais. O Estado de São Paulo. São Paulo, 25 abr. 1982. Hp 22 P76. Fundo SBH. *Siarq-UNICAMP*.

2506. Série: Homenagens Póstumas. Recorte de jornal, intitulado “O mundo intelectual reage diante da notícia inesperada”, comentando as reações de diversos intelectuais a respeito do falecimento de SBH. O Estado de São Paulo. São Paulo, 25 abr. 1982. s.p. Hp 23 P76. Fundo SBH. *Siarq-UNICAMP*.

2507. Série: Homenagens Póstumas. Recorte de jornal, intitulado “A precisão e a elegância”, de Nilo Scalzo, analisando o estilo literário de SBH. O Estado de São Paulo. São Paulo, 25 abr. 1982. Hp 24 P76. Fundo SBH. *Siarq-UNICAMP*.

2509. Série: Homenagens Póstumas. Recorte de jornal, intitulado “Morre aos 79 o historiador Sérgio Buarque de Holanda”, comentando o seu falecimento, acrescido de uma biobibliografia. Folha de São Paulo. São Paulo, 25 abr. 1982. Hp 26 P76. Fundo SBH. *Siarq-UNICAMP*.

2514. Série: Homenagens Póstumas. Recorte de jornal, intitulado “Sérgio, até o fim, sem pompas”, comentando a cerimônia de cremação do corpo de SBH, realizada por Frei Beto e destacando a opinião dos intelectuais. Folha de São Paulo. São Paulo, 26 abr. 1982. Ilustrada. p. 19. Hp 31 P76. Fundo SBH. *Siarq-UNICAMP*.

2515. Série: Homenagens Póstumas. Recorte de jornal, intitulado “Era o dono da casa da rua”, de Claudio Abramo, contando episódios de sua amizade com SBH e

imaginando como ele faleceu. Folha de São Paulo. São Paulo, 26 abr. 1982. Ilustrada. p.19 Hp32 P76. Fundo SBH. *Siarq-UNICAMP*.

2517. Série: Homenagens Póstumas. Recorte de jornal, intitulado “O mais vivo de nossos homens de espírito”, de Nogueira Moutinho, traçando a trajetória literária de SBH e destacando sua vida acadêmica e os cargos que ocupou. Folha de São Paulo. São Paulo, 26 abr. 1982. Ilustrada. p. 19. Hp 34 P76. Fundo SBH. *Siarq-UNICAMP*.

2518. Série: Homenagens Póstumas. Recorte de jornal intitulado “Presença de Chico Buarque leva curiosos a cemitério onde foi cremado seu pai”, noticiando a cerimônia de cremação do corpo de SBH. O Globo. Rio de Janeiro, 26 abr. 1982. s.p. Hp 35 P76. Fundo SBH. *Siarq-UNICAMP*.

2519. Série: Homenagens Póstumas. Recorte de jornal intitulado “Historiador é cremado em Vila Alpina”, noticiando o falecimento e a cerimônia de cremação do corpo de SBH. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 26 abr. 1982. s.p. Hp 36 P76. Fundo SBH. *Siarq-UNICAMP*.

2528. Série: Homenagens Póstumas. Recorte de jornal, intitulado “Muita comoção na missa de sétimo dia de Sérgio Buarque”, comentando a missa de sétimo dia de SBH, celebrada por Frei Beto e assistida por vários amigos. Folha de São Paulo. São Paulo, 01 maio. 1982. Hp 45 P76. Fundo SBH. *Siarq-UNICAMP*.

2530. Série: Homenagens Póstumas. Recorte de jornal intitulado “O Dr. Progresso acendeu o cigarro na lua” de Rubem Braga, comentando a vida e obra de SBH. Correio do Povo. Porto Alegre, 02 maio. 1982. s.p. (fotoc.). Hp 47 P76. Fundo SBH. *Siarq-UNICAMP*.

2537. Série: Homenagens Póstumas. Recorte de jornal intitulado “Mestre Sérgio”, de Josué Montello, comentando a vida e obra de SBH. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 18 maio. 1982. s.p. Hp 54 P76. Fundo SBH. *Siarq-UNICAMP*.

Bibliográficas:

ARAÚJO, Maria Paula Nascimento. Lutas democráticas contra a ditadura. In: FERREIRA, Jorge; REIS FILHO, Daniel Aarão (orgs.). *Revolução e democracia* (1964-...). Coleção “As esquerdas no Brasil” (v. 3). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, p. 321-354.

ARIÈS, Philippe. *História da morte no Ocidente*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

BACZKO, Bronislaw. A imaginação social. In: LEACH, Edmund; et. al. *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa: Imprensa Nacional / Casa da Moeda, 1985, p. 296-332.

BAPTISTA, Abel Barros. *O livro agreste: ensaio de curso de literatura brasileira*. Campinas: Ed.UNICAMP, 2005.

BARBOSA, Francisco de Assis. (org.). *Raízes de Sérgio Buarque de Holanda*. 2.ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.

- BERSTEIN, Serge. A cultura política. In: RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François (orgs.). *Para uma história cultural*. Lisboa: Editorial Estampa, 1998, p. 349-364.
- BURKE, Peter. *A fabricação do rei*. A construção da imagem pública de Luís XIV. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.
- CAMURÇA, Marcelo Ayres. A militância de esquerda (cristã) de Leonardo Boff e Frei Betto: da Teologia da Libertação à mística ecológica. In: FERREIRA, Jorge; REIS FILHO, Daniel Aarão (orgs.). *Revolução e democracia (1964-...)*. Coleção “As esquerdas no Brasil” (v. 3). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, p. 387-408.
- CANDIDO, Antonio (org.). *Sérgio Buarque de Holanda e o Brasil*. São Paulo: Perseu Abramo, 1998.
- CARVALHO, Marcus Vinícius Corrêa. *Raízes do Brasil, 1936: tradição, cultura e vida*. Dissertação (Mestrado em História). UNICAMP, Campinas, 1997.
- _____. *Outros lados. Sérgio Buarque de Holanda: crítica literária, história e política (1920-1940)*. Tese (Doutorado em História). UNICAMP, Campinas, 2003.
- CASTRO, Conrado Pires de. *Com tradições e contradições: contribuição ao estudo das raízes modernistas no pensamento de Sérgio Buarque de Holanda*. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária). UNICAMP, Campinas, 2002.
- CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Difel, 1990.
- COSTA, Marcos (org.). *Sérgio Buarque de Holanda: escritos coligidos (2 vols.)*. São Paulo: Perseu Abramo / UNESP, 2011.
- D’ARAÚJO, Maria Celina. Geisel e Figueiredo e o fim do regime militar. In: FICO, Carlos et., al. (orgs.). *Anais do Seminário 40 anos do Golpe de 1964 (2004: Niterói e Rio de Janeiro)*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2004, p. 93-104.
- DECCA, Edgar Salvadori de. Ensaio de nacionalidade: cordialidade, cidadania e desterro na obra de Sérgio Buarque de Holanda. *Locus: revista de história*, Juiz de Fora, v. 12, n. 1, p. 145-159, 2006.
- DELGADO, Lucília de Almeida Neves. 1964: temporalidade e interpretações. In: MOTTA, Rodrigo Patto Sá; REIS FILHO, Daniel Aarão; RIDENTE, Marcelo (orgs.). *O golpe e a ditadura militar: quarenta anos depois (1964-2004)*. Bauru: Edusc, 2004, p. 15-28.
- DIAS, Maria Odila Leite da Silva (org.). *Sérgio Buarque de Holanda*. Coleção “Grandes Cientistas Sociais” (n. 51). São Paulo: Ática, 1985.
- _____. Sérgio Buarque de Holanda na USP. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 8, n. 22, p. 269-274, set./dez. 1994.

EUGÊNIO, João Kennedy. *Um ritmo espontâneo: o organicismo em Raízes do Brasil & Caminhos e fronteiras*, de Sérgio Buarque de Holanda. Tese (Doutorado em História). UFF, Niterói, 2010.

_____; MONTEIRO, Pedro Meira (orgs.). *Sérgio Buarque de Holanda: perspectivas*. Campinas: Ed. UNICAMP / Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2008.

FERREIRA, Jorge. A estratégia do confronto: a Frente de Mobilização Popular. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 24, n. 47, p.181-212, jan./jun. 2004.

_____; GOMES, Angela de Castro. *1964: o golpe que derrubou um presidente, pôs fim ao regime democrático e instituiu a ditadura no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

FICO, Carlos. A pluralidade das censuras e das propagandas da ditadura. In: MOTTA, Rodrigo Patto Sá; REIS FILHO, Daniel Aarão; RIDENTE, Marcelo (orgs.). *O golpe e a ditadura militar: quarenta anos depois (1964-2004)*. Bauru: Edusc, 2004, p. 265-275.

FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal*. Rio de Janeiro: Maia & Schmidt, 1933.

FURTADO, André Carlos. *As edições do cânone. Da fase Buarqueana na coleção História Geral da Civilização Brasileira (1960-1972)*. Dissertação (Mestrado em História). UFF, Niterói, 2014.

GENNEP, Arnold van. *Os ritos de passagem*. Petrópolis: Vozes, 1978.

GINZBURG, Carlo. *O fio e os rastros. Verdadeiro, falso, fictício*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GOMES, Angela de Castro. Política, história, ciência, cultura etc. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 17, p. 59-84, jan./jun. 1996.

_____. Nas malhas do feitiço: o historiador e o encanto dos arquivos privados. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 121-127, jan./jun. 1998.

_____. (org.). *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

HARTOG, François; REVEL, Jacques. *Les usages politiques du passé*. Paris: Éditions EHESS, 2001.

HOLANDA, Maria Amélia Buarque de Holanda. *Apontamentos para a cronologia de Sérgio*, 2002. Disponível em: <www.unicamp.br/siarq/sbh/biografia.html>.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. In: GRAHAM, Richard. An interview with Sérgio Buarque de Holanda. In: *The Hispanic American Historical Review*, Duke University Press, v. 62, n. 1, p. 3-17, feb. 1982. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/2515412>>.

_____. *Raízes do Brasil*. Coleção “Documentos Brasileiros” (v. 1). Rio de Janeiro:

José Olympio, 1936.

_____. *Monções*. Coleção “Estudos Brasileiros” (n. 3). Rio de Janeiro: Casa Estudante do Brasil, 1945.

_____. *Visão do paraíso: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil*. Coleção “Documentos Brasileiros” (v. 107). Rio de Janeiro: José Olympio, 1959.

_____. Uma república não-proclamada III. In: *Jornal da República*. São Paulo, 20 nov. 1979. Acervo digital da *Biblioteca Nacional* (BN).

_____. *Capítulos de história do Império* (organização por Fernando Novais). São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

KANTOROWICZ, Ernest. *Os dois corpos do rei*. Um estudo sobre a teologia política medieval. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

LORIGA, Sabina. A biografia como problema. In: REVEL, Jacques (org.). *Jogos de escalas: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: FGV, 1998, p. 225-250.

LÖWY, Michael. As esquerdas na ditadura militar: o cristianismo da libertação. In: FERREIRA, Jorge; REIS FILHO, Daniel Aarão (orgs.). *Revolução e democracia (1964-...)*. Coleção “As esquerdas no Brasil” (v. 3). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, p. 303-320.

MONTEIRO, Pedro Meira. *A queda do aventureiro: aventura, cordialidade e os novos tempos em Raízes do Brasil*. Dissertação (Mestrado em Sociologia). UNICAMP, Campinas, 1996.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. O MDB e as esquerdas. In: FERREIRA, Jorge; REIS FILHO, Daniel Aarão (orgs.). *Revolução e democracia (1964-...)*. Coleção “As esquerdas no Brasil” (v. 3). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, p. 283-302.

NAPOLITANO, Marcos. A MPB sob suspeita: a censura musical vista pela ótica dos serviços de vigilância política (1968-1981). *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 24, n. 47, p. 103-126, jan./jun. 2004.

NICODEMO, Thiago Lima. *Urdidura do vivido: Visão do paraíso e a obra de Sérgio Buarque de Holanda nos anos 1950*. São Paulo: Ed.USP, 2008.

NOGUEIRA, Arlinda Rocha et. al. (orgs.). *Sérgio Buarque de Holanda: vida e obra*. São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura / Universidade de São Paulo / Instituto de Estudos Brasileiros, 1988.

PRADO JR., Caio. *Formação do Brasil contemporâneo: colônia*. São Paulo: Martins, 1942.

RÉMOND, René. Uma história presente. In: _____ (org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Ed.UFRJ / FGV, 1996, p. 13-36.

REVEL, Jacques. Microanálise e construção do social. In: _____ (org.). *Jogos de escalas: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: FGV, 1998, p. 15-38.

ROLLEMBERG, Denise; QUADRAT, Samantha Viz. Apresentação. In: _____ (orgs.). *A construção social dos regimes autoritários* (v. 1). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010, p. 11-32.

SANCHES, Rodrigo Ruiz. *Sérgio Buarque de Holanda: a trajetória de um intelectual independente*. Tese (Doutorado em Sociologia). Araraquara, UNESP, 2007.

SANTOS, Vitor Garcia Rodrigues dos. Caso Riocentro – terror e violência no processo de abertura política brasileiro. *Revista Contemporânea*, Niterói, v. 1, n. 5, p. 1-27, jan./jun. 2014.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René (org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Ed.UFRJ / FGV, 1996, p. 231-270.

SOARES, Gláucio Ary Dillon. *A democracia interrompida*. Rio de Janeiro: FGV, 2001.

SORÁ, Gustavo. *Brasilianas: José Olympio e a gênese do mercado editorial brasileiro*. São Paulo: Ed.USP / Com-Arte, 2010.

VENANCIO, Giselle Martins. *As flores raras do jardim do poeta: o catálogo da coleção Eurico Facó*. Fortaleza: Museu do Ceará, Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2006.

WEGNER, Robert. Religião, cordialidade e promessa: o catolicismo em *Raízes do Brasil e Monções*, de Sérgio Buarque de Holanda. *Acervo*, v. 12, n. 1-2, p. 169-186, jan./dez. 1999.

_____. *A conquista do oeste: a fronteira na obra de Sérgio Buarque de Holanda*. Belo Horizonte: Ed.UFMG, 2000.

_____. Latas de leite em pó e garrafas de uísque: um modernista na universidade. In: EUGÊNIO, João Kennedy; MONTEIRO, Pedro Meira (orgs.). *Sérgio Buarque de Holanda: perspectivas*. Campinas: Ed.UNICAMP / Rio de Janeiro: Ed.UERJ, 2008, p. 481-501.

Artigo recebido em 09/04/2014

Artigo aceito em 08/09/2014